ROGGE, J. H. e SCHMITZ, P. I. Projeto Corumbá: a ocupação pelos grupos ceramistas pré-coloniais. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 8(2):169-180, 1994-95.

# PROJETO CORUMBÁ: A OCUPAÇÃO PELOS GRUPOS CERAMISTAS PRÉ-COLONIAIS

*Jairo Henrique Rogge**
*Pedro Ignácio Schmitz**

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo apresentar uma primeira aproximação ao estudo da ocupação de uma parte significativa da área do Projeto Corumbá por grupos ceramistas. Os sítios cerâmicos estão distribuídos em três subsistemas ecológicos distintos e, de acordo com as características da cerâmica e da implantação dos sítios nesses subsistemas, foi possível agrupá-los em quatro conjuntos diferentes. A partir da caracterização desses conjuntos, propomos algumas hipóteses para os processos adaptativos envolvidos, bem como para os territórios de domínio e a cronologia das ocupações.

Os dados obtidos em quatro anos de pesquisas arqueológicas sistemáticas na região de Corumbá nos forneceram dados sobre ocupações por grupos ceramistas pré-coloniais em uma área que abrange três subsistemas ecologicamente diferenciados, segundo o Macrozoneamento Geoambiental do Estado do Mato Grosso do Sul (1989):

a) a Região Pantaneira, cujo limite ocidental é a calha do Rio Paraguai, estendendo-se a oeste até os contrafortes do Planalto;

b) a Região Chaquenha, que compreende as áreas rebaixadas a oeste do Rio Paraguai e se estende para o interior do território boliviano;

c) a Região de Transição Chaquenha, representada por encraves com características (principalmente fitológicas) comuns aos dois ambientes supracitados, incluindo aspectos de caatinga arbórea nos morros calcários.

A primeira região compreende grande área do Pantanal Sul-Matogrossense (ou Pantanais, se levarmos em conta a diferenciação existente entre eles, conforme ADÁMOLI (1982; 1986)), da qual a sub-região do Abobral faz parte. Apresenta-se como uma área rebaixada,

* Instituto Anchietano de Pesquisas/Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS. Programa Arqueológico do Mato Grosso do Sul. IAP/UNISINOS/UFMS.

assoreada por intensa sedimentação aren-argilosa recente, coberta por extensas savanas (cerrados) e entrecortada por rios meandrantes que alagam parcialmente a região durante longo período do ano, mais intensamente entre novembro e março.

A Região Chaquenha compreende também uma área rebaixada, no entanto mais seca, na faixa de transição ao longo da fronteira com a Bolívia, ao sul de Corumbá, apresentando características fitoecológicas típicas de Savana estépica; nela estão incluídas duas grandes lagoas (localmente chamadas baías), a do Jacadigo e a Negra.

A região de maior interesse ecológico é a dita de Transição Chaquenha. Caracteriza-se por ser uma região de *tensão ecológica*, pois, sendo áreas de transição climática, geomorfológica e geológica, *propiciam interpenetrações (encraves) ou misturas (ecotonos) de formações das diferentes formações fitoecológicas* (RADAMBRASIL, 1982: 349), oferecendo uma ampla diversidade ambiental.

Desta forma, seria lógico imaginar que grupos humanos pudessem explorar os recursos oferecidos por tal riqueza ambiental (lembramos que uma linha reta traçada a partir da área pequisada no Rio Abobral até os sítios escavados na borda da Baía do Jacadigo estão distantes não mais que 80 km, entre os quais podemos cruzar com os três ambientes).

Podemos ir mais longe: grupos humanos culturalmente diferentes poderiam estar disputando uma mesma área. Nesse sentido, a área chaquenha é tida como referência histórica com relação a intensa mobilidade de diferentes populações indígenas e de uma dinâmica de contatos intertribais particularmente muito ativa (cf. CARVALHO, 1992).

## Os grupos cerâmicos

Uma grande quantidade de sítios cerâmicos foi encontrada nesses três subsistemas. Podemos agrupá-los em quatro conjuntos: o primeiro nas grandes lagoas e áreas alagadiças, o segundo e terceiro nos patamares baixos das morrarias, o quarto nos patamares baixos e altos das mesmas morrarias.

O *primeiro grupo*: Cerâmica encontrada em aterros das baías do Jacadigo e Negra e no Pantanal do Abobral, em ambiente chaquenho e pantaneiro, no domínio das águas.

Nas baías do Jacadigo e Negra existe uma dúzia desses sítios, em pontos que sobressaem das águas da inundação ou diretamente da água das lagoas; os estratos, terrosos, medindo até 150 cm de espessura, contêm uma grande quantidade de gastrópodos de água doce, sepultamentos primários estendidos ou fletidos, alguns provavelmente secundários; ao menos as camadas superficiais contêm grande quantidade de cerâmica, sendo pré-cerâmicos os estratos inferiores nos dois sítios em que se fizeram cortes.

A mesma cerâmica foi encontrada em dezenas de aterros no Pantanal do Abobral, onde os estratos arqueológicos são totalmente cerâmicos e, normalmente, não ultrapassam 80 cm.

Os 1.550 fragmentos recolhidos num desses aterros da Baía do Jacadigo podem servir de amostra para este grupo. A manufatura é acordelada, o antiplástico é constituído, predominantemente, de grãos de quartzo, mas há grande ocorrência de fragmentos de concha e caco moído. O núcleo apresenta-se, invariavelmente preto ou cinza. A textura é compacta e resistente. A queima é oxidante incompleta. A dureza vai de 2,5 a 3 graus na escala de Mohs. A cor da superfície costuma ser cinza. A decoração é variada: simples (54,10%), corrugada simples com variações (33,87%), cestaria impressa (7,69%), incisa (1,74%), vermelha (1,48%), roletada (0,71%), com impressão de corda (0,38%). As formas, geralmente infletidas são, em sua maior parte, abertas, as bases arredondadas ou levamente aplanadas. Os vasilhames são pequenos, medindo as bocas de 12 a 34 cm, em corpos sub-esféricos. É uma cerâmica tipicamente utilitária, sem nenhum refinamento, apesar do bom acabamento de muitas peças.

Devido à instalação dos sítios supomos que esta seria uma típica população de canoeiros, que dominavam as águas, mas não se fixavam nem nos patamares baixos, nem nos altos da morraria.

*Segundo grupo*: cerâmica encontrada em patamares baixos da morraria, em ambiente de Transição Chaquenha.

Até agora foram encontrados três assentamentos, um deles num patamar plano e largo junto à Baía do Jacadigo, onde a cerâmica se distribui superficialmente até encostar na baía, onde se localiza o segundo sítio; como o terreno foi, desde muito tempo, usado pelo branco no primeiro e se acha coberto por areia no segundo, não se percebe mais uma distribuição diferenciada dos fragmentos; o terceiro sítio, também

num largo patamar, à beira de um córrego d'água permanente, apresenta a cerâmica distribuída em 13 pequenas manchas, ordenadas num espaço considerável. Nestes sítios não existem estratos de gastrópodos, como no grupo anterior, nem outros restos perecíveis, devendo as camadas terem sido pouco espessas. A relação não é mais com corpos de água, mas com a mata da encosta, na qual se encontravam.

Os 3.060 cacos recolhidos na superfície destes sítios têm alguns elementos comuns com o grupo anterior: a cerâmica é acordelada, usa como antiplástico o quartzo, com alguma presença de hematita, minerais opacos e caco moído mas raramente concha moída. A coloração é avermelhada e a quase totalidade dos fragmentos é simplesmente alisada; em pequena proporção aparece o vermelho interno e/ou externo, o corrugado simples, o roletado, o ungulado, o pinçado, o serrungulado, o inciso, a impressão de corda e o aplicado. O pinçado e o serrungulado são exclusivos desses sítios. Existem alguns apêndices sob a forma de alças e de botão. A decoração plástica é mais abundante nos sítios da proximidade do Jacadigo, onde se sobrepõem a sítios do grupo anterior, não podendo ser descartada a possibilidade de os materiais estarem misturados.

As bordas são diretas ou infletidas, os vasilhames abertos ou pouco fechados, pequenos e pouco profundos, medindo as bocas de 10 a 42 cm, com predomínio daquelas de 10 a 30 cm.

*Terceiro grupo:* cerâmica também encontrada em patamares baixos, em ambiente de transição chaquenha.

Até agora foi descoberto um único sítio, na beira de um córrego d'água permanente, na borda da mata da encosta. Num espaço de uns cem metros de diâmetro foram recolhidos 934 fragmentos de cerâmica. Também neste sítio não existem estratos de gastrópodos, e a distância das lagoas e do pantanal é considerável.

A cerâmica simples está representada por 85,76%, a impressão de corda 13,38% e o vermelho 0,85%. A maior parte dos lábios, tanto do tipo simples, como do corda impressa, têm uma sequência regular de entalhes, transversais ao eixo do lábio. Além da impressão zonal de corda, na parte superior dos vasilhames, não existe outra decoração plástica, o que, entre muitas outras coisas, a distingue dos grupos anteriores. O antiplástico é formado exclusivamente por grãos de quartzo, no entanto, em 4,71% da amostra ocorre a concha moída. A

cerâmica é avermelhada ou castanha. As bordas são diretas ou infletidas, raramente com uma carena. Os vasilhames são rasos ou pouco profundos. A abertura da boca vai de 12 a 42 cm, predominando as de 16 a 26 cm.

*Quarto grupo:* cerâmica dos patamares baixos e altos da morraria, em ambiente de Transição Chaquenha.

Os sítios, dentro de áreas de mata fechada, são de tamanho relativamente pequeno, em alguns casos apenas alguns cacos ou uma vasilha isolada. Até agora foram localizados doze desses sítios (sem contar os achados isolados), que proporcionaram alguns milhares de fragmentos.

A cerâmica é a longamente conhecida como tradição Tupiguarani, subtradição Corrugada. O material em nada se distingue daquele encontrado em todo o sul do Brasil.

Dos 4 grupos descritos, o quarto é o mais facilmente identificável, já que pode ser relacionado ao grande número de estudos preexistentes sobre a Tradição Tupiguarani feitos para o sul do Brasil.

Já a cerâmica do Grupo 1 apresenta grandes semelhanças com a do Chaco Argentino (María Amanda Caggiano, com. pes.; CALANDRA & DOUGHERTY, 1991), enquanto que a do Grupo 2 parece possuir algumas afinidades com a cerâmica do Grupo 1.

A cerâmica do Grupo 3 não mostra, até agora, relações de afinidades com culturas conhecidas, mas também ela, com seus motivos zonais de corda impressa, poderia ser relacionada à área cultural paranaense.

## Considerações

Tomando, agora, os diferentes grupos de cerâmica, podemos lançar hipóteses de trabalho sobre os processos adaptativos, os territórios de domínio e a cronologia dos seus produtores.

Na área dos quatro grupos ceramistas em estudo temos anteriormente uma população pré-cerâmica, ligada ao domínio da água. Dos três sítios conhecidos, dois estão na Baía do Jacadigo e estão sotopostos a estratos cerâmicos do Grupo 1; o terceiro sítio está numa barranca alta do Rio Paraguai, na cidade de Ladário, próximo a Corumbá. Os estratos são compostos predominantemente por moluscos de água

doce e ossos de peixes. A espessura das camadas e o tamanho dos sítios indicam um bom período de permanência. Ainda não encontramos a ocupação pré-cerâmica no Pantanal do Abobral.

Dos grupos ceramistas, o que se estabeleceu nas lagoas e no pantanal (Grupo 1), possui o maior número de sítios, sendo que mais de uma centena já foram reconhecidos, possuindo também maior espessura dos estratos. Em termos de cronologia, esta deve ser a primeira e a mais duradoura ocupação, depois dos pré-cerâmicos. Canoeiros, com suas canoas deveriam dominar as águas das lagoas, do Rio Paraguai e dos campos que permanecem alagados durante muitos meses do ano. Mas ele se fixou neste ambiente e, com isso, deu oportunidade a que outros grupos explorassem a terra firme.

Um ambiente rico, embora com território muito menor, é a mata densa dos patamares altos e baixos da morraria, onde pequenos regatos e córregos permanentes, terrenos suficientemente ricos e planos e as precipitações localizadas da estação seca permitem uma horticultura permanente. Nesta área localizamos, até agora, doze sítios Tupiguarani (Grupo 4), bastante próximos uns dos outros. Se extrapolarmos estas localizações para o resto do território, em sua maior parte coberto por floresta ou pastos artificiais, podemos pleitear um número bastante maior de sítios e um tempo bastante longo de ocupação.

Nenhum material indica contato com o Grupo 1, mas também nada exclui que sejam contemporâneos. Os limites de um grupo e outro estão claramente marcados, embora as distâncias não sejam grandes.

O Grupo 2, assentado nos patamares baixos e largos, da borda da mata densa com a mata seca, de Transição Chaquenha, mostra grande proximidade espacial com o Grupo 1 e com o Grupo 4. Os dois sítios localizados junto à Baía de Jacadigo estão perto de vários sítios do Grupo 1 e um deles cobre um desses sítios, sugerindo que não podem ser contemporâneos. O outro sítio está na borda da área de distribuição dos sítios Tupiguarani, distando não mais que um quilômetro de um desses sítios, sem mostrar nenhum indício de contato, sugerindo que o grupo também não deve ser contemporâneo ao Tupiguarani, mas posterior.

Por enquanto só localizamos três desses sítios, todos rasos, embora amplos e com uma quantidade relativamente grande de cerâmica, indicando que seu domínio na área deveria ser pequeno e seus acampamen-

tos, ou aldeias, de curta duração. Os terrenos no seu entorno permitiriam a horticultura, mas dela ainda não existe nenhum indicador efetivo.

O Grupo 3, também localizado nos patamares baixos e largos, na borda da floresta densa e da mata seca de Transição Chaquenha, até agora só produziu um sítio, raso, mas com bastante cerâmica. Ele está localizado numa área com vários sítios Tupiguarani, não distando de alguns deles nem um quilômetro, mas sem indícios de contato, o que nos obriga a pensá-lo como não-contemporâneo. Se ele é contemporâneo do Grupo 2, ainda não é possível afirmar. Seu domínio e sua duração na área deveriam ser pequenos e seu modo de vida ainda nos é desconhecido.

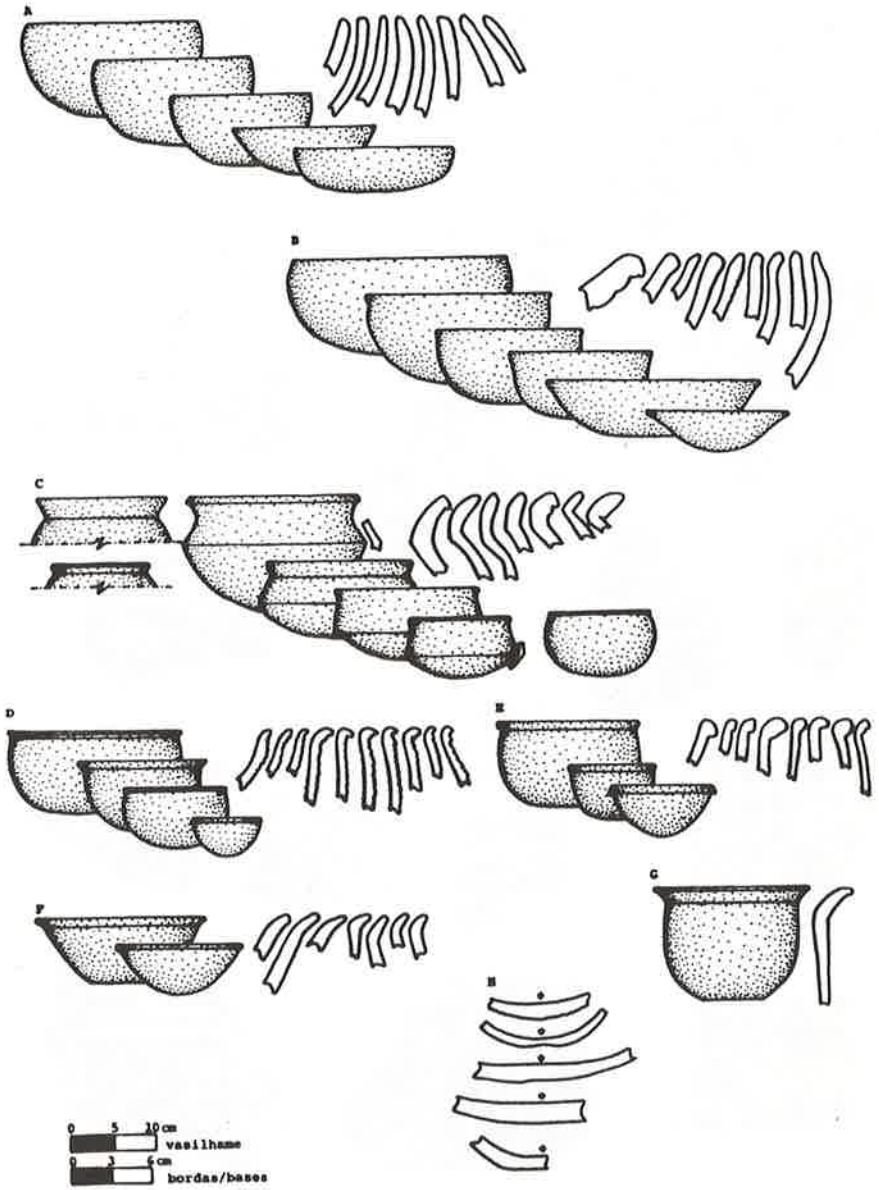
Finalizando, nossa hipótese de trabalho é que a primeira ocupação ceramista na área seria a do Grupo 1. Como ele não ocupava efetivamente os patamares baixos e altos da morraria, aí se estabeleceu outro grupo, o Tupiguarani. Circunstâncias ainda desconhecidas por nós permitiram a chegada dos Grupos 2 e 3, que se estabelecem nos limites das áreas dos Grupos 1 e 4. Se estes grupos são recentes, como imaginamos, podem ter chegado em um período imediatamente anterior ou, talvez, já em época colonial, quando o Tupiguarani (então chamado Itatim) havia sido arrebanhado pela *encomienda* e a missão religiosa e destruído pelo bandeirante paulista.

Ainda não possuimos datações absolutas para os sítios do Projeto Corumbá. A partir de 1994, já com as datações em mãos, poderemos testar nossas especulações atuais. Por enquanto, os primeiros resultados de nosso trabalho, procurando amostrar inicialmente uma área de 5.000 km$^2$, já nos dão uma pequena idéia do que a história colonial nos narra a respeito do trânsito e movimentação naquela região.

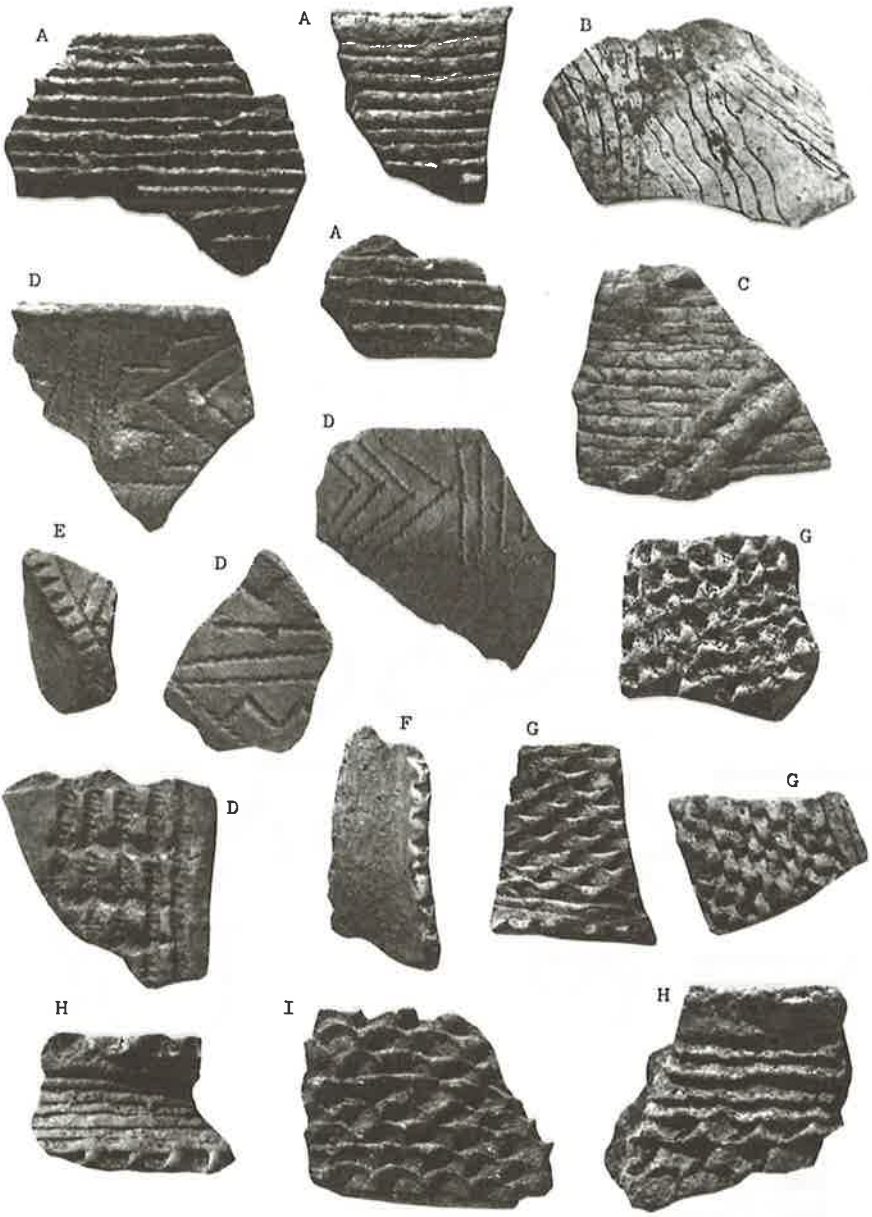
ABSTRACT: *The Corumbá project: the occupation by ceramics groups* — This paper aims to introduce a first approach to the occupation of a significant area of the Corumbá Project by ceramic groups. The ceramic sites are distributed over three distinct ecological subsystems and, according to pottery features and site implantations on that subsystems, it was possible to gather them in four different assemblages. After the characterization of that assemblages, we suggest some hypothesis about the adaptation processes, as well as to territoriality and the cronology of such occupations.

ROGGE, J. H. e SCHMITZ, P. I. Projeto Corumbá: a ocupação pelos grupos ceramistas pré-coloniais. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, *8*(2):169-180, 1994-95.

Prancha I.
Reconstituição gráfica das formas do vasilhame de vários sítios estudados. A,B) formas comuns aos Grupos 1, 2 e 3; C) formas exclusivas dos Grupos 2 e 3; D,E,F,G) formas exclusivas do Grupo 1; H) bases comuns aos Grupos 1, 2 e 3. Obs.: as formas relacionadas ao Grupo 4 (Tradição Tupiguarani) não estão representadas por serem as mesmas que ocorrem no Sul do Brasil, amplamente divulgadas na bibliografia arqueológica brasileira.




PRANCHA 1




PRANCHA II

Prancha II.

Detalhes da decoração plástica da cerâmica estudada. A) corrugado simples (Grupo 1 e 2); B) inciso (Grupo 1); C) corrugado simples alisado com filetes aplicados (Grupo 1); D) impressão de corda (Grupo 3); E) impressão de corda com entalhe ao longo da carena (Grupo 3); F) entalhes ao longo do lábio (Grupo 3); G) impressão de cestaria (Grupo 1); H) corrugado simples com corrugado imbricado (Grupo 1); I) corrugado imbricado (Grupo 1).

ROGGE, J. H. e SCHMITZ, P. I. Projeto Corumbá: a ocupação pelos grupos ceramistas pré-coloniais. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, *8*(2):169-180, 1994-95.

## Bibliografia

ADÁMOLI, Jorge. O Pantanal e suas relações fitogeográficas com os cerrados. Discussão sobre o conceito de "Complexo do Pantanal". In: *Anais da Sociedade Botânica do Brasil*. Teresina, pp. 109-119, 1982.

ADÁMOLI, Jorge. Fitogeografia do Pantanal. In: *Anais do 1º Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-Econômicos do Pantanal*. Brasília, EMBRAPA, Departamento de Difusão de Tecnologia, pp. 105-106, 1986.

BITENCOURT, Ana Luisa V. Projeto Corumbá Sub-Região do Abobral. A Implantação dos Aterros. In: *Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Vol. II*. Rio de Janeiro, CNPq/FINEP/UNESA/SAB, pp. 792-800, 1992.

RADAMBRASIL. Folha SE.21 Corumbá e parte da Folha SE.20. Volume 27. Rio de Janeiro. Ministério das Minas e Energia, 1982. 448 p.

CALANDRA, Horacio A. & DOUGHERTY, Bernard. Prospección arqueológica en la Provincia de Formosa, República Argentina. In:*Hacia una Nueva Carta Etnica del Gran Chaco, II*. Buenos Aires, Museo de La Plata, pp. 113-141, 1991.

CARVALHO, Sílvia M. S. Chaco: encruzilhada dos povos e "melting pot" cultural. In:*História dos Índios do Brasil*. Manuela C. da Cunha, Org. São Paulo, FAPESP/Companhia das Letras, pp. 457-474, 1992.

*MACROZONEAMENTO geoambiental do Estado do Mato Grosso do Sul*. Campo Grande, SEPLAN-MS/FIPLAN-MS/IBGE, 1989.

ROGGE, Jairo H. & SCHMITZ, Pedro I. Projeto Corumbá: a cerâmica dos aterros. In:*Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Vol. II* . Rio de Janeiro, CNPq/FINEP/UNESA/SAB, pp. 784-791, 1992.